



O Retorno da Anta com TDAH e a Loucura Reavivada

Clara, já no limite da sanidade, decidiu fazer o que qualquer pessoa com um pingão de racionalidade em sua vida não faria: vasculhar seu passado. Não por nostalgia, não por remorso, mas por pura curiosidade mórbida. Ela decidiu procurar por Adriana, sua amiga de adolescência, uma anta (sim, literalmente uma anta), que sofria de TDAH e problemas de memória temporária. Uma amiga com a capacidade de fazer qualquer ser humano questionar sua existência.

Adriana era uma dessas amigas que todo mundo tem, ou teve, ou evitou, ou perdeu de vista por uma boa razão. Clara e ela se conheciam desde sempre, e as aventuras que passavam juntas geralmente terminavam em encrenca, desespero e cachaça. Muitas cachaças. O tipo de amizade que te fazia pensar: "Por que diabos estou aqui?" E a resposta, como sempre, era um copo de cachaça em suas mãos.

Mas, com o tempo, Clara se cansou. As encrencas se tornaram mais frequentes, a paciência de Clara foi embora junto com seu bom senso, e ela abandonou a amizade. Adriana ficou magoada por um milésimo de segundo — depois se esqueceu completamente, como se nada tivesse acontecido, como só as pessoas com TDAH são capazes de fazer.

Algum tempo depois, com sua vida cheia de confusão, Clara decidiu tentar encontrar Adriana nas redes sociais. Não porque ela realmente queria saber como estava a anta, mas porque, sei lá, talvez fosse bom revisitar os antigos horrores. Depois de algumas tentativas frustradas e pesquisas mais profundas do que deveria, Clara finalmente encontrou o perfil de Adriana, com uma descrição da sua vida que mais parecia uma lista de compras aleatória de supermercado. "Beber cachaça, esquecer das coisas, fazer amigos e arrumar confusão" era basicamente o resumo da página.

Clara não pensou muito e mandou uma mensagem. Afinal, a vida estava cada vez mais monótona sem alguém tão insano como Adriana por perto, e que mal poderia fazer, certo? Era só conversar um pouco sobre os velhos tempos, tentar esquecer as desgraças mais recentes e fazer uma paz, se possível.

Adriana respondeu quase imediatamente. O primeiro sinal de que a conversa seria um inferno ambulante foi quando ela começou a descrever em detalhes absurdos o que estava fazendo naquele exato momento, como se Clara precisasse saber cada passo do processo de sua vida miserável. Adriana mudava de assunto a cada três minutos e, quando não mudava, olhava para os lados e perguntava: "Onde é que eu estou mesmo? Como cheguei até aqui?"

Clara, agora pronta para um ataque de nervos, agendou a visita. Talvez, só talvez, se ela falasse com Adriana e relembresse alguns velhos momentos, a dor de seus últimos dias pudesse ser aliviada.

Quando Adriana chegou, Clara tentou manter a calma, como se estivesse lidando com uma bomba-relógio emocional. Mas a explosão foi instantânea. Adriana entrou como uma tempestade, com sua energia incessante, falando sem parar sobre tudo e nada ao mesmo tempo. Cada palavra dela era como um martelo batendo na cabeça de Clara, que estava lutando contra o desejo de se enfiar em uma caverna e desaparecer do planeta.

Osvaldo, aquele onça-pintada fuzileiro naval, estava sentado no sofá ao lado da gaiola de Tadeu. Ah, Tadeu. Letícia, a loba-guará patricinha, o mantinha preso na gaiola todas as tardes depois da escola, porque, claro, nada diz mais sobre a educação de uma criança do que ameaçar pôr pó de mico na maquiagem da criança da sua irmã. O espetáculo de Tadeu encarando a vida como um animal cativo foi só o pano de fundo da cena mais surreal de todos os tempos.

Enquanto Adriana não parava de falar, os absurdos fluíam da sua boca como uma enchente sem controle. Perguntas sem respostas, respostas para perguntas que ninguém fez, e um ciclo insano de auto-interrupções. Ela dizia coisas como: "Você lembra daquela vez que nós fomos beber cachaça e quase fomos presas por roubo de bananeira?" E, no mesmo fôlego, passava para: "Ah, eu amo a combinação de batata frita com refrigerante. A vida é muito curta para não fazer essas coisas, né?"

Clara, com um nível de paciência que já estava mais baixo que o nível de álcool no copo de cachaça, olhou para Osvaldo, que estava apenas observando a cena com a expressão de quem já presenciou todas as formas de tortura humana, mas ainda assim se divertia com a desgraça alheia. Osvaldo, com aquele sorriso debochado, finalmente falou: "Clara, acho que você deveria colocar uma placa na porta dizendo 'entra quem quiser e sai quem conseguir'." Ele olhou para Tadeu, que estava ali como uma criança observando o apocalipse, e disse: "Pelo menos a gaiola do Tadeu está mais organizada que a sua vida."

Clara não sabia mais o que fazer. Ela queria pedir desculpas a Adriana. Queria simplesmente resolver essa velha história, sem mais delírios e sem mais caos. Mas Adriana, como sempre, estava mais interessada em falar sobre sua última grande "revelação" que ela mesma tinha feito para si mesma (porque claro, ninguém mais estava pedindo).

"Clara, você lembra daquele verão em que nós fizemos... bem, algo que eu não lembro direito, mas foi algo que mudaria nossas vidas pra sempre? Eu sei que você lembra, mas eu também não lembro o que foi. Não é engraçado? Como eu sou boa com essas coisas, né? Mudar vidas sem lembrar como!" Adriana soltou uma risada como se tivesse acabado de contar a piada mais engraçada do século.

Clara, tentando se manter minimamente civilizada, olhou para ela com o olhar de quem já tinha sido à guerra, mas estava perdendo a última batalha: "Adriana, você sempre foi uma caixa de surpresas. Só que essa caixa agora tá mais vazia do que minha paciência. Eu só queria pedir desculpas, mas não consigo encontrar uma forma que não me faça querer tomar um caminhão de álcool pra suportar você!"

Adriana, sem perceber nada do que acontecia ao seu redor, olhou para Clara com a cara de quem finalmente havia entendido a essência da questão. "Claro, Clara, você não precisa me pedir desculpas. Eu já te perdoei! Ou pelo menos, acho que já. Sabe, acho que já fui amiga de tanta gente que já nem lembro quem sou mais. E agora, falando nisso, onde estamos mesmo?"

Clara queria morrer. Não, melhor ainda, ela queria ser engolida pela terra. Mas, em vez disso, ela olhou para Osvaldo, que estava agora praticamente se divertindo, e se jogou no sofá. "Se alguém aqui for sobreviver, vai ser o Tadeu. Porque esse é o único ser na casa que tem mais controle da situação que eu."

Osvaldo riu. "Claro, Clara. Não se preocupa. No fim, quem manda na casa é a gaiola. E nós estamos todos presos aqui, assistindo ao espetáculo de demência que você conseguiu criar."

E assim, Clara terminou mais um dia de pura loucura e demência, sem saber se estava mais perto de surtar ou de ser salva por algum milagre. Ela só sabia que, por alguma razão bizarra, Adriana estava de volta em sua vida. E nada, absolutamente nada, faria essa situação ser menos insana. já nem lembro quem sou mais. E agora, falando nisso, onde estamos mesmo?"